

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Embaúba

Cecropia pachystachya

volume

2

Embaúba

Cecropia pachystachya

Neópolis, SE



Paranaguá, PR



Embaúba

Cecropia pachystachya

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o Sistema de Classificação de Cronquist, a posição taxonômica de *Cecropia pachystachya* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Magnoliophyta (Angiospermae)

Classe: Magnoliopsida (Dicotyledonae)

Ordem: Urticales

Família: Cecropiaceae (Moraceae)

Gênero: *Cecropia*

Espécie: *Cecropia pachystachya* Trécul

Publicação: Ann. Sci. Nat. Ser. 3, 8: 80, 1847

Sinonímia botânica: *Cecropia adenopus* Martius ex Miquel; *Cecropia catarinensis* Cuatr.; *Cecropia lyratiloba* Miquel.

Nomes vulgares por Unidades da Federação: umbaúba, na Bahia e em Sergipe; toré e torém, no Ceará; embaúva, em Mato Grosso; embaúba, embaúva, embaubeira e imbaúba, em Mato Grosso do Sul; embaúba, embaúba-cinzena, imbaúba, imbaúba-cizenta e umbaubeira, em

Minas Gerais; embaúba-branca, no Pará; embaúba, na Paraíba e no Estado do Rio de Janeiro; bonequeiro, embaúba e imbaúba, no Paraná; embaúba e imbaúba, no Rio Grande do Sul; árvore-da-preguiça, embaúba, embaúba-branca, embaubeira, embaúva-do-brejo, preguiceira e umbaubeira, no Estado de São Paulo.

Nomes vulgares no exterior: *ambaybo*, na Argentina e na Bolívia; *amba'y*, no Paraguai.

Etimologia: o nome genérico *Cecropia* vem de *Cecrops*, “filho da Terra, meio homem e meio serpente, ou chamar (caule oco para instrumento de sopro)”; o epíteto específico *pachystachya* significa “espiga grossa”.

O nome vulgar embaúba vem do tupi *ambaíba*, que significa “árvore oca”.

Descrição

Forma biológica: arvoreta a árvore perenifólia. As árvores maiores atingem dimensões próximas de 25 m de altura e 45 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo), na idade adulta.

Tronco: é reto, cilíndrico e fistuloso, com anéis ou cicatrizes foliares grandes, ramificado e – apenas na região superior apical – apresenta raízes-escora. O caule é provido de numerosas lenticelas, muito próximas uma das outras, geralmente não distando mais de 2 cm entre si. O tronco é oco por dentro e dividido em câmaras por lamelas transversais.

Ramificação: é racemosa. A copa é pequena e aberta, com ramos horizontais, ocos e cheios de formigas (*Azteca* sp.). As gemas são protegidas por uma grande estípula coriácea, rósea, densamente pilosa e decídua.

Casca: tem espessura de até 6 mm. A superfície da casca externa é áspera, cinza-clara, lisa, provida de cicatrizes transversais e com lenticelas grandes e abundantes. Ao ser raspada, apresenta coloração marrom. A casca interna é alaranjada-rosada e fibrosa. Essa espécie exsuda pequenas quantidades de látex branco e aquoso.

Folhas: são simples, alternas e agrupadas nas extremidades dos ramos, com lâmina de 20 a 35 cm de comprimento por 20 a 35 cm de largura. São palmatilobadas e divididas em 5 a 12 lobos desiguais obovados, separados até o pecíolo por espaços de 2 a 3 cm e densamente esbranquiçado-tomentosas na face inferior. A face superior apresenta pêlos curtos e esparsos, margem inteira ou ligeiramente ondulada e ápice obtuso, com a nervura central proeminente na face inferior. O pecíolo é forte e comprido, medindo de 16 a 25 cm de comprimento, com pêlos uncinados e caxim na base.

Inflorescências: apresentam-se em densas espigas cilíndricas estreitas e axilares, com muitas flores diminutas, protegidas por brácteas.

Flores: as oito espigas masculinas são juntas, amareladas e medem de 8 a 12 cm de comprimento por 0,5 cm de largura (CARAUTA; SCHREIBER, 1977). As espigas femininas, em número de 4 a 5, são grisáceas.

Frutos: são múltiplos, pequenas drupas reunidas em 4 a 6 espigas em forma de dedos, medindo de 8 a 20 cm de comprimento por 1 cm de largura, amarela-esverdeadas, pendentes e ligeiramente carnosas, drupas condescidas numa infrutescência espiciforme, longa e aromática. O fruto individual é um aquênio de 1 a 2 mm de comprimento.

Semente: é pequena, medindo menos de 1 mm.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: essa espécie é dióica.

Vetor de polinização: essencialmente abelhas de várias espécies (PIRANI; CORTOPASSI-LAURINO, 1993).

Floração: ocorre de julho a abril, no Paraná; de agosto a setembro, no Distrito Federal; de setembro a outubro, no Rio Grande do Sul (BACKES; IRGANG, 2002) e no Estado de São Paulo; de dezembro a fevereiro, em Minas Gerais (BRANDÃO; GAVILANES, 1990) e em fevereiro, em Mato Grosso do Sul.

Frutificação: os frutos amadurecem de março a abril, no Paraná; de maio a junho, em Minas Gerais (BRANDÃO et al., 2003) e no Estado de São Paulo e de maio a julho no Rio Grande do Sul (BACKES; IRGANG, 2002).

Dispersão de frutos e sementes: essencialmente zoocórica (por animais), principalmente morcegos, macacos e muitas espécies de pássaros, que são muito importantes na disseminação.

Boaventura et al. (1996), observaram passeriformes em atividade de forrageamento no Distrito Federal, pertencentes a 7 famílias e compreendendo 14 espécies.

Araújo et al. (2001), numa área de 6,52 m², no banco de sementes, na Região do Baixo Rio Guamá, na Amazônia Oriental, identificaram 612 sementes dessa espécie, na Floresta Sucessional de 6 anos, 652 sementes na Floresta Sucessional de 17 anos e 514 sementes na Floresta Sucessional de 30 anos.

Ocorrência Natural

Latitude: de 2° S, no Pará, a 31° S, no Rio Grande do Sul.

Variação altitudinal: de 5 m, na região litorânea, a 1.800 m de altitude, na Chapada Diamantina, BA (ZAPPI et al., 2003).

Distribuição geográfica: *Cecropia pachystachya* ocorre, de forma natural, no nordeste da Argentina (MARTINEZ-CROVETTO, 1963) e no leste do Paraguai (LOPEZ et al., 1987).

No Brasil, essa espécie ocorre nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 24):

- Alagoas (TAVARES, 1995; AUTO, 1998).
- Bahia (PINTO et al., 1990; STANNARD, 1995; ZAPPI et al., 2003).
- Ceará (TAVARES et al., 1974b; MARTINS et al., 1982; BERG, 1996).
- Distrito Federal (FILGUEIRAS; PEREIRA, 1990; MOSSRI, 1997; WALTER; SAMPAIO, 1998; PROENÇA et al., 2001).

- Espírito Santo (JESUS, 1988a; BERG, 1996; THOMAZ et al., 2000).
- Goiás (RIZZO et al., 1979; IMAÑA-ENCIMAS; PAULA, 1994; PAULA et al., 1996; MUNHOZ; PROENÇA, 1998).
- Mato Grosso (OLIVEIRA FILHO; MARTINS, 1986; OLIVEIRA FILHO, 1989; GUARIN NETO et al., 1996; PINTO, 1997; MARIMON et al., 1998; MARIMON; LIMA, 2001; MARIMON et al., 2001; AMOROZO, 2002).
- Mato Grosso do Sul (JANKAUSKIS; RIOS, 1968; ASSIS, 1991; POTT; POTT, 1994; PAULA et al., 1995; MARCANTI-CONTATO et al., 1996; SOUZA et al., 1997; ROMAGNOLLO; SOUZA, 2000).
- Minas Gerais (BRANDÃO; GAVILANES, 1990; CARVALHO et al., 1992; GAVILANES et al., 1992a, b; BRANDÃO et al., 1993a; PEDRALI et al., 1993; BRANDÃO; GAVILANES, 1994; BRANDÃO et al., 1994; BRANDÃO; BRANDÃO, 1995; BRANDÃO et al., 1995d; VILELA et al., 1995; BERG, 1996; CARVALHO et al., 1996; ARAÚJO et al., 1997; CORAIOLA, 1997; BRANDÃO et al., 1998a, b; PEREIRA; BRANDÃO, 1998; CARVALHO et al., 1999; CARVALHO et al., 2000a; RODRIGUES, 2001; CARVALHO, 2002; FERNANDES, 2003; SAPORETTI JUNIOR et al., 2003; COSTA, 2004).
- Pará (JARDIM et al., 1997; ARAÚJO et al., 2001; SANTANA et al., 2004).
- Paraíba (ANDRADE-LIMA; ROCHA, 1971; MAYO; FEVEREIRO, 1982; OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993; BERG, 1996).
- Paraná (WASJUTIN, 1958; RODERJAN; KUNYOSHI, 1988, 1989; RODERJAN, 1990a; RAMOS et al., 1991; SOARES-SILVA et al., 1992; SOUZA et al., 1997; MIKICH; SILVA, 2001).
- Pernambuco (ANDRADE-LIMA, 1979; LYRA, 1982; GUEDES, 1992; BERG, 1996).
- Estado do Rio de Janeiro (OLIVEIRA, 1975; CARAUTA; ROCHA, 1988; GUIMARÃES et al., 1988; BERG, 1996; MORENO et al., 2003; BRAZ et al., 2004; PEIXOTO et al., 2004).
- Rio Grande do Norte (TAVARES, 1960; FREIRE, 1997).
- Rio Grande do Sul (LINDEMAN et al., 1975; AGUIAR et al., 1982; JACQUES et al., 1982; BACKES; NARDINO, 1998; BACKES; IRGANG, 2002; DORNELES; WAECHTER, 2004).
- Santa Catarina (KLEIN, 1969, 1979/1980).
- Estado de São Paulo (KUHLMANN; KUHN, 1947; MATTES et al., 1988; GANDOLFI, 1991; MANTOVANI, 1992; MENDONÇA et al., 1992; PASTORE et al., 1992; PEDRALI et al., 1993; TOLEDO FILHO et al., 1993; TORRES et al., 1994; BRANDÃO et al., 1995d; DURIGAN; LEITÃO FILHO, 1995; ROCHA et al., 1995; TOREZAN, 1995; ROZZA, 1997; TOLEDO FILHO et al., 1997; CAVALCANTI, 1998; TOLEDO FILHO et al., 1998; DURIGAN et al., 1999; ALBUQUERQUE; RODRIGUES, 2000; AOKI et al., 2001; BERTANI et al., 2001; BERTONI et al., 2001; SILVA; SOARES, 2002; CARDOSO-LEITE et al., 2004).
- Sergipe (ANDRADE-LIMA, 1979; SOUZA et al., 1993; SOUZA; SIQUEIRA, 2001).

Aspectos Ecológicos

Grupo ecológico ou sucessional: essa espécie é pioneira (FERRETTI et al., 1995).

Importância sociológica: a embaúba é uma espécie característica das associações secundárias, capoeiras novas situadas junto a vertentes ou cursos d'água e em terrenos baixos com lençol freático superficial e capoeirões onde é colonizadora, se estabelecendo rapidamente nas clareiras grandes produzidas por tormentas, queda de árvores grandes ou pelo homem, e em beira de matas. Clareiras acima de 1.000 m² são as mais prováveis de apresentarem sucessão ecológica representada por densidades de embaúbas (GANDARA; LEPSCH-CUNHA, 1993). Essa espécie é muito rara na vegetação primária e no interior da Floresta Primária.

A embaúba se regenera após a passagem do fogo. Fonseca et al. (1998) observaram que em 1 ha foram queimados 187 indivíduos. Contudo, 3 meses após, 156 indivíduos ou (83,42%) rebrotaram.

Biomassas / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Decidual (Floresta Tropical Caducifólia), na formação Submontana, em Minas Gerais, com frequência de até dois indivíduos por hectare (CARVALHO et al., 1999).
- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações Submontana, Montana e Alto-Montana, em Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais, no Paraná e no Estado de São Paulo, com frequência de 1 a 7 indivíduos por hectare (OLIVEIRA-FILHO et



Mapa 24. Locais identificados de ocorrência natural de embaúba (*Cecropia pachystachya*), no Brasil.

al., 1994; TOLEDO FILHO et al., 1998; CARVALHO et al., 2000; SILVA; SOARES, 2002).

- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), nas formações das Terras Baixas, Submontana e Montana, no Ceará, no Paraná, em Pernambuco, nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo, e no Rio Grande do Norte, com frequência de 0 a 50 indivíduos por hectare (TAVARES et al., 1974b).
- Contato Floresta Estacional Semidecidual / Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária), no sul de Minas Gerais.
- Vegetação com Influência Marinha (Restinga), na Paraíba (OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993) e no Estado de São Paulo (MANTOVANI, 1992).

Bioma Cerrado

- Savana ou Cerrado lato sensu, em Goiás, em Mato Grosso, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo (MUNHOZ; PROENÇA, 1998; BERTONI et al., 2001; MARIMON; LIMA,

2001; SAPORETTI JUNIOR et al., 2003), com frequência de 1 indivíduo por hectare (MARIMON et al., 1998).

- Savana Florestada ou Cerradão, no Estado de São Paulo (SILVA JÚNIOR et al., 1998; DURIGAN et al., 1999).

Bioma Pantanal

- Pantanal Mato-Grossense, na área inundável e de terra firme inundada (MARIMON; LIMA, 2001).

Outras formações vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, no Distrito Federal, em Goiás, em Mato Grosso, em Mato Grosso do Sul, em Minas Gerais, no Paraná e no Estado do Rio de Janeiro, com frequência de 4 a 41 indivíduos por hectare (SOARES-SILVA et al., 1992; IMAÑA-ENCINAS; PAULA, 1994; VILELA et al., 1994; PAULA et al., 1996; MORAIS et al., 2000).

- Babaçual, em Mato Grosso, onde sua presença é rara (MARIMON; LIMA, 2001).
- Campo de murundu, em Uberlândia, Minas Gerais (RESENDE et al., 2004).
- Ecótono Savana / Restinga, na Paraíba, onde é rara (OLIVEIRA-FILHO; CARVALHO, 1993).
- Floresta de brejo, no Estado de São Paulo (ROCHA et al., 1995; TONIATO et al., 1998), com frequência de até 36 indivíduos por hectare (TORRES et al., 1994).
- Floresta turfosa, no Rio Grande do Sul (DORNELES; WAECHTER, 2004).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 830 mm, na Chapada Diamantina, BA (STANNARD, 1995), a 3.000 mm, no Pará.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas, no litoral da Região Sul e na Região de Belém, PA. Periódicas, nas demais regiões.

Deficiência hídrica: nula, no litoral da Região Sul e do Estado de São Paulo e na Região de Belém, PA. De pequena a moderada, na faixa costeira de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte. De pequena a moderada, no inverno, no Distrito Federal, no sul de Goiás, no centro e no leste do Estado de São Paulo, no sul de Minas Gerais e no sudoeste do Espírito Santo. Moderada, no inverno, no norte do Paraná e no sul de Mato Grosso do Sul. De moderada a forte, no inverno, no oeste de Minas Gerais e no centro de Mato Grosso. De moderada a forte, no Pantanal Mato-Grossense.

Temperatura média anual: 17,5 °C (Tavares, RS) a 26,6 °C (Fortaleza, CE).

Temperatura média do mês mais frio: 14,8 °C (Torres, RS) a 25,7 °C (Fortaleza, CE).

Temperatura média do mês mais quente: 20 °C (Diamantina, MG) a 27,3 °C (Fortaleza, CE).

Temperatura mínima absoluta: -5,3 °C (Guaíra, PR).

Número de geadas por ano: médio de 0 a 9; máximo absoluto de 18 geadas, no Paraná, mas predominantemente sem geadas ou pouco frequentes.

Classificação Climática de Koeppen:

Af (tropical superúmido), no Pará, no litoral do extremo nordeste do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, do Estado de São Paulo e no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro.

Am (tropical chuvoso, com chuvas do tipo monção, com uma estação seca de pequena duração), na Serra de Guaramiranga, CE, na Paraíba, em Pernambuco e no Estado do Rio de Janeiro.

As (tropical chuvoso, com verão seco, a estação chuvosa se adiantando para o outono), no litoral norte da Bahia, em Alagoas, em Sergipe e no Rio Grande do Norte. **Aw** (tropical úmido de savana, com inverno seco), no Ceará, no Distrito Federal, em Mato Grosso, em Minas Gerais e no Estado do Rio de Janeiro. **Cfa** (subtropical úmido, com verão quente), no sul de Mato Grosso do Sul, no Paraná, na região costeira do Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Estado de São Paulo.

Cwa (subtropical, de inverno seco), no Distrito Federal, em Goiás, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo. **Cwb** (subtropical de altitude, com verões chuvosos e invernos frios e secos), na Chapada Diamantina, BA, no sul de Minas Gerais e no nordeste do Estado de São Paulo.

Solos

Ocorre, naturalmente, em diversos tipos de solos: ácidos, úmidos, orgânicos e pobres. Contudo, prefere as terras frescas, com textura arenosa a franco-argilosa.

Sementes

Colheita e beneficiamento: recomenda-se colher os frutos diretamente da árvore, quando maduros, o que é facilmente notado pela presença de frutos danificados por pássaros. Uma vez colhidos, os frutos devem ficar em repouso, por alguns dias, para iniciar a decomposição e facilitar a maceração em água. Depois, deve-se coar o macerado em peneira, para retirar o excesso de água. Em seguida, deixar a massa secar à sombra, para depois se fazer a separação das sementes.

Número de sementes por quilo: 700 mil (DURIGAN et al., 1997) a 800 mil (LORENZI, 1992).

Tratamento pré-germinativo: as sementes de *Cecropia pachystachya* possuem comportamento fotoblástico, sendo muito sensíveis ao fotoperíodo, pois 20 minutos de luz pode causar grande variação na porcentagem de germinação (TAYMES GAVIDIA, 1978; GANDARA; LEPSCH-CUNHA, 1993).

Longevidade e armazenamento: a semente dura até 6 meses (LONGHI et al., 1984). Contudo, sementes dessa espécie podem ser armazenadas mesmo em condições naturais, pois apresentam alta longevidade natural, permanecendo viáveis no banco de sementes do solo por muitos anos (DURIGAN et al., 1997).

Germinação em laboratório: temperaturas alternadas de 10 °C a 30 °C e de 10 °C a 35 °C, sob condições de luz e escuro, apresentaram as melhores taxas de germinação, variando entre 90% e 98,7% (VÁLIO; SCARPA, 2001).

Produção de Mudanças

Semeadura: recomenda-se semear em sementes a pleno sol e depois repicar para sacos de polietileno ou tubetes de polipropileno de tamanho médio. A repicagem para recipiente definitivo deve ser feita quando a plântula atingir de 3 a 5 cm de altura.

Germinação: é epígea ou fanerocotiledonar. A emergência ocorre de 25 a 40 dias após a semeadura. O poder germinativo é baixo e em menos de 3 meses as mudas atingem porte adequado para plantio. Essa espécie é de fácil transplantação.

Associação simbiótica: apresenta incidência alta de micorriza arbuscular, sendo altamente dependente dos fungos micorrízicos arbusculares (NISIZAKI; ZANGARO FILHO, 1996).

Características Silviculturais

A embaúba é uma espécie heliófila, que não tolera baixas temperaturas.

Hábito: apresenta excelente desrama natural.

Métodos de regeneração: o plantio a pleno sol é o recomendado. Brota após cortes quando nova, mesmo após perturbação por fogo (FONSECA et al., 1998), mas morre com fogo alto (POTT; POTT, 1994).

Crescimento

Não há dados disponíveis sobre o crescimento dessa espécie em plantios. Contudo, seu crescimento é rápido.

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade): a madeira dessa espécie é leve (0,25 a 0,41 g.cm⁻³) (WASJUTIN, 1958; LOPEZ et al., 1987).

Cor: madeira esbranquiçada.

Características gerais: superfície lisa ao tato.

Outras características: é macia ao corte e de baixa durabilidade natural.

Produtos e Utilizações

Madeira serrada e roliça: a medula da embaúba é usada como isolamento térmico e acústico. Essa madeira pode ser empregada em confecção de brinquedos, caixotaria leve, saltos para calçados, palito de fósforo, lápis e compensados. É ainda misturada para a fabricação de blocos de cimento (LOPEZ et al., 1987).

Energia: essa espécie é recomendada para carvoaria, fabricação de pólvora e combustível.

Celulose e papel: essa espécie é adequada para papel e celulose (BARRICHELO; FOELKEL, 1975). Em vários países, se utiliza a madeira de espécies relacionadas para polpa e papel, ou como substituto da madeira da balsa (*Ochroma pyramidata*). O comprimento das fibras é de 1,00 mm. O teor de lignina e cinza é de 28,21% (WASJUTIN, 1958).

Constituintes fitoquímicos: entre os componentes registrados em sua análise fitoquímica, estão o beta-sitosterol e a alfa-amirina, entre as substâncias triterpenóides e a isovitexina – flavonóide de ação anti-hipertensiva isolada do extrato alcoólico que, provavelmente, é o princípio ativo responsável pela atividade dos extratos dessa espécie sobre a pressão arterial (LORENZI; MATOS, 2002).

Alimentação animal: a forragem da embaúba possui 11% a 16,4% de proteína bruta (POTT; POTT, 1987), com elevado teor de cálcio (1,33%) e magnésio (0,38%), médio de fósforo (0,22%), cobre (10 ppm) e zinco (19 ppm).

Alimentação humana: os frutos da embaúba são pequenos e se encontram reunidos sobre receptáculos digitados cilíndricos. Como são comestíveis, são vendidos na região do Chaco, na Argentina (RAGONESE; MARTINEZ CROVETTO, 1947).

Apícola: as flores da embaúba são melíferas, produzindo pólen (PIRANI; CORTOPASSI-LAURINO, 1993).

Medicinal: as folhas e a casca possuem propriedades expectorantes e antiasmáticas (CAMPELO, 1988). São atribuídas, também, propriedades antiblenorrágicas (LOPEZ et al., 1987). Remédio para coração (folhas), aumenta a energia do músculo cardíaco, sem multiplicar os batimentos cardíacos (RODRIGUES, 2001). Contudo, se usada por longo tempo, prejudica as contrações do coração (KÖRBES, 1995). Bronquite (flor) e tosse (broto).

O suco da raiz aumenta a força do coração e a urina, e melhora a falta de ar. O fruto, a folha e o broto curam feridas, erisipela, doenças de olhos, controlam diabetes, diarreia e corrimento vaginal.

Essa espécie é bastante cultivada no nordeste da Argentina (RAGONESE; MARTINEZ CROVETTO, 1947) devido às propriedades medicinais de suas folhas.

No Brasil, os índios de várias etnias do Paraná e de Santa Catarina usam as flores e as folhas novas da embaúba, no tratamento da surdez temporária (causada por gripe ou cerume), dor de ouvido, tosse comprida, purificador do sangue e rins (MARQUESINI, 1995). O suco obtido da raiz é um poderoso diurético e cura úlceras cancerosas e blenorragia (KÖRBES, 1995).

Paisagístico: a árvore apresenta qualidades ornamentais, principalmente por sua forma característica, podendo ser empregada, com sucesso, em paisagismo.

Plantios em recuperação e restauração ambiental: essa espécie é importante na ocupação de clareiras e na recuperação da floresta, após alguma perturbação. É indicada, também, na restauração de ambientes ripários ou de áreas de preservação permanente e em áreas com o solo permanentemente encharcado ou inundável (TORRES et al., 1992; VILELA et al., 1993).

Essa espécie é importante para a fauna. O bicho-preguiça (*Dasybus sp.*) alimenta-se de seus brotos, de suas folhas e de sua infrutescência em forma de dedos. Seus frutos, produzidos anualmente, em grande quantidade, são avidamente procurados por muitas espécies de pássaros e de outros animais, entre eles os morcegos e o sagüi-comum (*Callithrix jacchus*), que também alimenta-se de suas inflorescências (FREIRE, 1997). No interior do tronco da embaúba, há cavidades que não são contínuas, mas septadas, abrigando formigas agressivas (*Azteca sp.*).

Como outros produtos, destacam-se: lixa (de guampa de tereré), embira, flutuador de caixão de peixe, corante e tanino.

Espécies Afins

O gênero *Cecropia* possui cerca de cem espécies. A determinação de material de *Cecropia*, do Brasil extra-amazônico, é problemática (BERG, 1996).

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui